



INFORMATIVO DE MERCADO

AGOSTO 2026



MERCADO LOCAL E INTERNACIONAL

No Brasil, o PIB do segundo trimestre avançou 0,5%, consolidando uma perda de tração da atividade econômica em relação ao início do ano. O Ibovespa encerrou agosto praticamente estável em reais (-0,33%), após passar por forte volatilidade intramensal: registrou 11 quedas consecutivas sob pressão da saída de capital estrangeiro, para depois engatar 9 altas seguidas impulsionado pela Petrobras (acompanhando a alta do petróleo no fim do mês) e pelo setor bancário. O destaque positivo do mercado acionário ficou com os setores imobiliário (+3,03%) e industrial (+2,12%). No câmbio, o real depreciou-se 2,23%, com o dólar registrando valorização de 2,05% no mês perante a moeda brasileira.

Juros e Inflação: Os dados correntes de inflação trouxeram alívio, com o IPCA-15 registrando deflação de -0,40% em agosto. Em sua reunião mensal, o Copom deu continuidade ao ciclo de flexibilização e reduziu a Selic para 14,00% ao ano. Contudo, a ata da reunião sinalizou cautela ao projetar o IPCA de 2026 em 5,1% (acima do teto da meta de 4,5%), indicando a necessidade de manter a política monetária restritiva por mais tempo. Esse recado do Banco Central, somado à disparada dos juros longos nos EUA, ao aumento do petróleo e aos riscos fiscais e eleitorais domésticos, levou a uma abertura de taxas nos vértices médios e longos da curva de juros futura brasileira.

Crédito Privado: O mercado de crédito privado em renda fixa registrou estabilidade no segmento de isentos, com os spreads das debêntures incentivadas mantendo-se em torno de 0,6%. Já o indicador IDEX-CDI Geral apresentou um salto expressivo no spread médio, que foi de 1,7% para 3,3%. Essa abertura pontual não refletiu um estresse amplo no mercado, mas sim a reprecificação concentrada e severa em dois emissores específicos: Hapvida e Elfa. Excluindo esses dois ativos, o mercado de crédito corporativo

não-isento manteve o movimento generalizado de fechamento de taxas.

Renda Variável: Destoando dos mercados globais, o mercado acionário brasileiro teve desempenho sustentado no fim do mês pela Petrobras e por ações do setor imobiliário, acumulando queda marginal de -0,33% no Ibovespa, porém amargando recuo de -1,69% em dólares (EWZ) devido à desvalorização cambial. As maiores quedas do índice foram lideradas por Hapvida (-44,50%), Braskem (-27,47%) e Lojas Renner (-21,30%). No exterior, o ambiente foi positivo nas bolsas americanas (S&P 500 +2,62% e Nasdaq 100 +4,18%), porém extremamente divergente na Ásia (Coreia do Sul +15,12% e China -1,94%) e na Europa (Noruega +5,70% e França -1,48%).

Estados Unidos: A economia norte-americana manteve resiliência sustentada pelos fortes investimentos em inteligência artificial. O S&P 500 subiu 2,62% e renovou máxima histórica no mês, puxado pela forte recuperação das ações de software e computação em nuvem após resultados corporativos positivos. Apesar da inflação ter mostrado dados mais favoráveis, no simpósio de Jackson Hole o presidente do Fed, Kevin Warsh, adotou um tom hawkish. Ele ressaltou que as pressões inflacionárias continuam relevantes e que as condições financeiras não parecem restritivas, levando o mercado a precificar maior probabilidade de alta de 0,25 p.p. nos juros em setembro. O movimento provocou forte abertura nas Treasuries e levou o Tesouro americano a duplicar seu programa de recompra de títulos longos para suavizar a liquidez.

Europa e China: agosto foi marcado por um ambiente global de contrastes, onde o otimismo das bolsas sustentadas pelo setor de tecnologia e inteligência artificial conviveu com tensões fiscais decorrentes do endividamento recorde e da elevação dos juros longos. Na Ásia, a disparada do

complexo de memórias impulsionou os mercados da Coreia do Sul e Taiwan, enquanto a China recuou em meio a um PMI industrial em contração. Na Europa, o aumento dos preços de energia e as incertezas fiscais voltaram a pressionar a inflação da Zona do Euro e elevaram o rendimento dos títulos soberanos. Nas

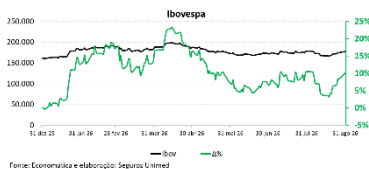
commodities, o petróleo apresentou forte volatilidade com o recrudescimento dos conflitos no Estreito de Ormuz, enquanto o ouro se destacou como alternativa de proteção.

O que olhar em Setembro:

Em setembro, as atenções globais estarão voltadas para os Estados Unidos e o Brasil, principalmente em relação às decisões de política monetária e dados econômicos. Nos EUA, a divulgação da inflação ao consumidor (CPI) de agosto no dia 11 pode influenciar a decisão do FOMC no dia 16, reunião para a qual o mercado passou a considerar maior probabilidade de elevação dos juros devido aos dados fortes do mercado de trabalho e declarações recentes. No mesmo dia 16, no Brasil, a expectativa é de que o Copom realize um novo corte na taxa básica de juros, com o mercado atento a possíveis sinalizações sobre a continuidade desse ciclo de quedas diante do cenário de desaceleração econômica interna, além de acompanhar de perto os desdobramentos da campanha eleitoral.

BRASIL | Bolsa

O Ibovespa encerrou o mês de julho com uma baixa de 0,33% atingindo os 177 mil pontos. O Ibovespa é uma carteira teórica de ações negociada na Bolsa de Valores (B3), é o principal indicador de desempenho dos investimentos das ações negociadas no Brasil.



BRASIL | Câmbio

A PTAX encerrou o mês aos 5,18 uma alta de 2,05% em relação ao fechamento de julho.



S&P | Internacional

O S&P 500 (índice de bolsa americana) encerrou julho aos 7.686 pontos. No mês, o índice teve uma alta de 2,62%. O índice S&P 500 é um dos maiores indicadores do desempenho das ações negociadas nos EUA.



Fonte: Globo.com, Infomoney, XP Economia, IBGE, Itaú, Agência Brasil, Valor Econômico, CNN Brasil, IBGE.



Se é Unimed,
é seguro.